



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

6703 - Trabalho Completo - XXV EPEN - Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (2020)

ISSN: 2595-7945

GT12 - Currículo

CURRÍCULO COMO CURRERE E COMO “CONVERSA COMPLICADA”: PENSANDO CURRÍCULO A PARTIR DA PERSPECTIVA DE WILLIAM PINAR

Sara Betania de Souza Silva - UFBA - Universidade Federal da Bahia

Maria Roseli Gomes Brito de Sá - UNIVERSIDADE FEDERAL DE BAHIA

Currículo como *currere* e como “conversa complicada”: pensando currículo a partir da perspectiva de william pinar

INICIANDO A CONVERSA

Este texto resulta da pesquisa intitulada “Currículo como ‘Conversa Complicada’: concepções de currículo a partir das narrativas de professores do Distrito da Matinha em Feira de Santana” e visa apresentar os conhecimentos construídos no decorrer da investigação que objetivou refletir, juntamente com os professores participantes, sobre experiências de formação curricular e as narrativas que dizem respeito às vivências e às práticas curriculares de educadores, na tentativa de dialogar sobre a relação dessas experiências com as concepções de currículo.

Para o desenvolvimento do estudo adentramo sna obra de William Pinar (2007; 2016; 2017) que concebe currículo como um processo de formação articulado a aspectos históricos, culturais, políticos, econômicos e sociais da vida humana, de modo que as pessoas possam refletir sobre suas experiências a assim atribuir sentido ao que foi vivido. Para pensar sobre isso lançamos mão aos estudos de Sá (2004;2010; 2011) e Larrosa (2002) que nos ajudam a compreender que aprendemos com a ciência, mas constituímos outros saberes em nossa inserção no mundo. Com esses autores temos ressignificado nossos conhecimentos sobre percursos de formação que podem ser traduzidos por experiências[1] em espaços de convivências e de relacionamentos que produzem, por conseguinte, aprendizagens. Desse modo, entendemos que o currículo, além dos conhecimentos que obtemos por meio das ciências, deve agregar conhecimentos construídos em espaços outros. Um currículo que se movimenta, que se multirreferencia e que se (re)contextualiza.

Pinar (2007; 2016; 2017) nos convida a pensar e a desenvolver o currículo como “conversa complicada” e nos desperta a aprofundar os conhecimentos que construímos nos percursos de formação, numa perspectiva crítica. Falar de currículo como “conversa complicada”, segundo Pinar, pode ser entendido como meio de ligar os sujeitos ao mundo e

consigo mesmos, a partir do método *currere* – o correr do curso, em que o currículo é experimentado e vivido – articulação que se dá de modo não linear, mas de forma conceitual e temporal entre passado, presente e futuro.

Para tanto, ao criar o método *currere*, Pinar (2007; 2016; 2017) sugere que o currículo seja desenvolvido a partir das seguintes fases: regressiva, progressiva, analítica e sintética, a fim de que os sujeitos do currículo possam reviver suas experiências, refletir sobre os sentidos que foram atribuídos ao longo de sua história de vida e possam ressignificar sua projeção para o futuro e sua visão de mundo, de forma crítica, a partir de novos saberes construídos articulados no tempo presente. De acordo com Pinar (2016, p. 20) “*currere* ressalta a experiência cotidiana do indivíduo e sua capacidade de aprender a partir da experiência”.

Com base nesse entendimento, ousamos, assim como Pinar, articular a dimensão conceitual do “currículo como conversa complicada” com a dimensão metodológica do *currere* em nosso estudo, buscando pensar nas experiências que (trans)formaram concepções de currículo de professores, ao realizar encontros formativos para dialogar (pesquisadoras/professoras e sujeitos/professores) sobre os caminhos que percorremos e que contribuíram para as concepções que temos hoje de currículo.

Esses encontros se constituíram como momentos férteis para construção e ressignificação de conhecimentos, por isto os denominamos de formativos. Nesses encontros as concepções expressas por meio das narrativas dos participantes da pesquisa revelaram o entendimento de currículo relacionando-o à experiência, ao diálogo e aos conhecimentos a serem ensinados como aspectos que atravessam tanto a concepção quanto o desenvolvimento curricular. Foi pertinente entendermos, por meio das narrativas, o processo que provocou a constituição do que os professores pensam e entendem sobre currículo. Trazer o passado de volta é complicar o entendimento construído pela e através da experiência vivida.

A partir do exposto, para o presente, abordamos brevemente o percurso das formulações de William Pinar e apresentamos uma discussão desenvolvida ao longo da investigação entre alguns autores que tratam de currículo relacionado à formação e ampliamos essa conversa com as narrativas de docentes que atuam na Educação Básica e praticam currículo no seu cotidiano a partir das concepções pessoais, mas que resultam dos atravessamentos movidos pelas experiências que ocorrem nas interações desenvolvidas nos espaços de formação.

O QUE NOS DIZ WILLIAM PINAR SOBRE CURRÍCULO COMO *CURRERE* E COMO “CONVERSA COMPLICADA”

William Pinar é um dos nomes mais destacados no campo do currículo, notadamente no movimento denominado de reconceitualização, por trazer, no início dos anos 1970, referências críticas em contraposição à concepção formalista que se tornara hegemônica na condução das práticas curriculares até então. Sua formação acadêmica ocorreu na área de estudos em língua e literatura. Lecionou Inglês no Ensino Médio Regular, por quatro anos e tornou-se Doutor pela Universidade Estadual de Ohio-EUA. Trabalhou em várias Universidades estadunidenses, migrando para a Universidade da Columbia Britânica em Vancouver, no Canadá, nos anos 2005.

Segundo Maria Luiza Süsskind (2014), que realizou estudos pós-doutorais sob supervisão de William Pinar em Vancouver, no Canadá, a formação de Pinar sofreu influência do pós-estruturalismo, do existencialismo e da psicanálise, podendo-se identificar em suas obras referências ao pensamento de estudiosos clássicos como Jacques Derrida, John Dewey, Michel Foucault, Freud, Ted Aoky e William Doll Jr. Além disso, Pinar também bebeu das águas provenientes da obra freireana “Pedagogia do Oprimido” e foi a partir da aproximação

com o teórico, especialmente nas aulas de Gregory Bateson na Universidade de Columbia, em Nova York, que sua teoria foi contagiada pelo pensamento sobre encontro dialógico.

Antônio Flávio Barbosa Moreira, ao escrever o prefácio do livro em pauta (SÜSSEKIND, 2014, p. 09), revela que a intenção de Pinar, no processo de reconceitualização do campo do currículo, foi “quebrar as barreiras entre currículo e vida, rejeitando a supervalorização dos aspectos técnicos no desenvolvimento do currículo”. E ainda afirma que William Pinar vai de encontro ao pensamento tradicional de currículo em que a intenção pragmática volta-se predominantemente à proposição do como desenvolver as tarefas de planejar, implementar e avaliar currículos.

Na formulação da reconceitualização do campo, Pinar defende que a função do trabalho com o currículo deve estar orientada para “compreender o processo curricular, uma compreensão da espécie que se procura alcançar nas humanidades” (SÜSSEKIND, 2014, p. 09). Dito de outra forma, o foco deixaria de ser os procedimentos técnicos e passa a ser a experiência com e no mundo, sugerindo assim um currículo na perspectiva da conversa ou encontro dialógico entre pessoas.

Do movimento de reconceitualização curricular, a partir do ponto de vista de William Pinar vem a definição de currículo como *currere* não apenas como prática metodológica, mas como concepção. Pinar argumenta que o currículo deve possibilitar aos sujeitos revisitarem os conhecimentos construídos sobre sua história de forma crítica. E acredita que o currículo deve ser entendido numa forma verbal – *currere* – por enfatizar o currículo vivido e não apenas o planejado. Tal perspectiva questiona o *currere* como substantivo, que o toma como um caminho definido, planejado, objetivo em que a estrutura a ser percorrida se torna o foco a ser estudado. A defesa de Pinar pelo *currere* como verbo, por sua vez, recai sobre a pessoa do sujeito, sua cultura, sua história que fazem a diferença no percurso de formação, ou seja, o protagonismo do *currere* é atribuído ao sujeito do currículo, na ação educativa e não em sua completude quando se expressa como substantivo (PINAR, 2007).

Entendemos que Pinar, em seus argumentos, não descarta a discussão do planejamento e do objetivo nos estudos sobre currículo, o que ele vem tratar é da necessidade de pensar currículo como projeto de formação do sujeito e para tal perspectiva a história de vida, os conhecimentos pré-existentes devem ser encarados com maior relevância no currículo a ser desenvolvido.

Ao destacar essa relação entre o percurso e a pessoa que percorrerá esse caminho, Silva (2014, p. 520) nos apresenta em seu texto uma ilustração que nos ajuda a compreender as dissonâncias de tal relação, numa perspectiva cuja ênfase considerada é apenas o percurso:

Na perspectiva atual, utilizando a metáfora de *currere*, é como se colocássemos pessoas sedentárias e atletas de alto rendimento na mesma pista para correr uma prova de cem metros rasos e transferíssemos nossa confiança de que o bom desempenho de ambos os grupos poderia ser justificado pela qualidade de planejamento e construção da pista na qual eles correrão.

Dito de outra forma, o currículo pensado apenas na perspectiva prescritiva e performática em que a principal discussão centra-se no planejamento, no objetivo e na avaliação, ignora as condições, as características próprias e o contexto sociocultural de cada sujeito.

É importante destacar os sujeitos que percorrem o caminho. O currículo entendido como *currere*, na perspectiva de Pinar, se desenvolve pela “conversa complicada” e ressalta a experiência dos sujeitos e sua condição de reconstruir sua própria experiência por intermédio da reflexão. Esse processo se dá de modo individual, pois cada um, embora inserido num contexto social e coletivo, vive sua experiência particular. O que está em ênfase é a individualidade do sujeito no caminho percorrido, mas é a conversa complicada que o levará a rever os conhecimentos que foram construídos nesse percurso.

E é nesse ponto, em que o processo de experiência individual do sujeito ocupa um lugar privilegiado no currículo, que Pinar entende *currere* como “conversa complicada”, pois numa conversa entre pessoas as vozes expressam a experiência individual de cada um propiciando um elo de identificação ou de afastamento entre os indivíduos. Essa relação, por vezes marcada por resistência em apreender o novo ou reaprender o que já se constituiu, demanda que o professor desperte no aluno o desejo e o ânimo por querer (re)viver o caminho percorrido.

Essa situação se torna mais confortável ao professor ou à professora quando os mesmos, ao ensinar um determinado conteúdo com o qual se identificaram (um conteúdo que no processo de formação acadêmica transformou-se em experiência, pois a/o tocou), o fazem com entusiasmo e tentam despertar o interesse do aluno para que o mesmo possa também sentir-se interessado e atraído por querer estudar tal assunto. Nessa tentativa de encorajar o aluno, o/a professor/a expressa primariamente sua singularidade, sua subjetividade, seu comprometimento e seu engajamento pela oralidade e pela conversa.

Ao tratar de currículo como “conversa complicada”, Pinar (2007; 2016; 2017) chama a atenção para um ensino contextualizado e relacionado ao cotidiano do aluno para que o mesmo seja encorajado a compreender a si mesmo e a conhecer o mundo em que vive. Não se pode perder de vista que esta prática curricular se desenvolva a partir de uma perspectiva dialógica, em que o aluno seja convidado a participar dessa conversa e, junto com ele, suas experiências, a fim de incentivá-lo a se tornar um ser mais reflexivo.

***CURRERE* E “CONVERSA COMPLICADA” ENTRE PROFESSORES**

Ao abordarmos currículo através do método *currere*, com as/os professoras/res que atuam em escolas do distrito da rede municipal de Feira de Santana, BA – que gentilmente colaboraram disponibilizando suas lembranças e suas narrativas para a investigação– buscamos refletir sobre as experiências que contribuíram para a formulação de suas concepções de currículo.

Realizamos 06 encontros que ocorreram duas vezes por mês, com 07 professores, nos quais desenvolvemos diálogos sobre os caminhos que percorremos e que contribuíram para as ideias e concepções que temos hoje sobre currículo. Ainda nos reportamos a Pinar para desenvolver *currere* como método e entender que “*currere* ressalta a experiência cotidiana do indivíduo e sua capacidade de aprender a partir da experiência”(PINAR, 2016, p. 20).

Esse método é formado por quatro momentos: o regressivo, o progressivo, o analítico e o sintético. Esses quatro passos sugerem relação entre o modo temporal e o cognitivo dos seres humanos. Para Pinar (2007, p. 66) o método *currere* ocorre por meio de situação biográfica, sendo que essa “Situação Biográfica” sugere uma estrutura de significado vivido que resulta de situações passadas, mas que contém, talvez, subentendidas, contradições do passado e do presente, assim como a antecipação de possíveis futuros.

Desse modo, as narrativas autobiográficas registradas nos nossos encontros coletivos e individuais, traduzidas pelas experiências passadas (fase regressiva) e algumas que poderiam

ter acontecido (fase progressiva), resultaram em conversa complicada que atravessaram os seguintes temas: Experiência, Diálogo, Conhecimento e Concepções de Currículo, não necessariamente nessa ordem. A escolha desses temas se deu pelo entendimento de que o currículo está imbricado nesses aspectos. E ao incentivar os participantes a falarem desses temas, estávamos provocando-os a falarem de currículo através de suas autobiografias.

Ao tratar do tema experiência como aspecto do currículo, os participantes levaram para o encontro os momentos que vivenciaram e deixaram marcas em suas vidas. Com as narrativas, foi possível perceber que as reflexões que fizeram a partir das experiências produziram conhecimentos que influenciam na prática curricular e na tomada de decisões em relação ao como se posicionar ou como agir diante dos conflitos ou demandas cotidianas da escola. Além disso, entendem que a experiência que os alunos carregam para a sala de aula deve ser ponto de partida para qualquer situação de aprendizagem.

Diante do que foi narrado, o currículo vivido e praticado por esses participantes parte de concepções que valorizam a experiência dos sujeitos e revela uma concepção de currículo em que os estudantes são considerados agentes de conhecimento. Além disso, ao discutirmos o tema diálogo, a concepção de currículo se expressa quando relatam que por meio da conversa é que ocorre o processo de autoconscientização dos indivíduos e a instituição do conhecimento crítico. Os participantes narraram o quanto as obras de Paulo Freire contribuem para o seu entendimento sobre diálogo, o qual, quando comprometido com a libertação dos sujeitos, pode promover a (auto)reflexão sobre o posicionamento político e social dos indivíduos no contexto em que vivem.

Também manifestaram seu entendimento sobre currículo quando falaram de conhecimento. Para os participantes da pesquisa, não só os assuntos acadêmicos devem ser considerados como conhecimento, mas a experiência de vida dos alunos são conhecimentos. Eles defendem que o conhecimento a ser ensinado é aquele produzido através das vivências, mas este conhecimento deve ser ressignificado e ampliado quando vinculado aos conteúdos escolares e discutidos a partir de uma reflexão crítica.

Diante do que foi aqui exposto podemos depreender que os participantes da pesquisa acreditam no currículo a ser vivido a partir de uma perspectiva crítica, uma vez que, em suas falas, defendem o diálogo como possibilidade de produção de conhecimento; compreendem que a partir das experiências o conhecimento possa ser ressignificado; argumentam que o conhecimento a ser ensinado deve ser o que encaminhe as pessoas para melhoria de todas as áreas de suas vidas.

CONVERSA SOBRE A “CONVERSA COMPLICADA”

Quando nos submetemos às lembranças das experiências vividas e nos permitimos exercitar o autojulgamento dos nossos próprios conhecimentos, construídos ao longo dos anos e os efeitos deles em nós e nos outros, estamos abertos a metamorfosear a nós e o ambiente em que estamos inseridos. De acordo com Pinar (2016), além da temporalidade, o espaço também estrutura os conhecimentos que construímos.

Compartilhar experiências em espaços coletivos diz muito de partilhar partes das histórias individuais de cada um no que diz respeito ao que se viveu e ao que se concebeu nas relações da família, da religião, da escola e de outros espaços socioculturais. Por isso Pinar em sua obra argumenta a favor de um currículo pensado como “conversa complicada”, para voltarmos às nossas experiências a fim de complicar nossas concepções de mundo, aprofundando os conhecimentos que construímos sobre nós, sobre a humanidade e sobre o

mundo em que vivemos.

Para tanto, tal percurso deve ocorrer por intermédio da conversa. Uma conversa estruturada temporalmente em nossas memórias e subjetividades. Ao nos expressarmos falamos do que entendemos e isso demanda organizar nossos pensamentos acerca das certezas que instituímos no tempo vivido. E ao narrarmos estamos dando abertura para o atravessamento de argumentos outros que nos ajudarão a refletir sobre o que acreditamos.

É a partir dessa perspectiva dialógica e reflexiva que Pinar defende o currículo como “conversa complicada”. Em sala de aula, a efetivação dessa perspectiva se dá na relação entre professor e aluno em ambiente favorável para uma conversação. O professor com mais experiência medeia a conversa e desperta a curiosidade do aluno, encorajando-o a comparar e a questionar de forma crítica o que está sendo discutido. Porém, ao argumentar e refletir sobre suas próprias experiências o professor vai se formando. Nesse contexto de conversa ambos (professor e aluno) estão interagindo e repensando sobre suas concepções.

REFERÊNCIAS

LARROSA, Jorge. **Notas sobre experiência e o saber de experiência**. Campinas, SP: Revista Brasileira de Educação, já/Fev/Mar 2002.

PINAR, W. F. **Currere: aquel primer año**. *Investigación Cualitativa*, 2(1) pp. 55-65, 2017. Disponível em: <https://ojs.revistainvestigacioncualitativa.com/index.php/ric/article/view/59>. Acesso em maio de 2018.

PINAR, W. F. **O que é a Teoria do Currículo?** Tradução: BARROS, Ana Paula; PINTO, Sandra; Porto, Portugal: Ed. Porto 2007.

PINAR, W.F. **Estudos Curriculares: ensaios selecionados**. (seleção, organização e revisão técnica: Alice Casemiro Lopes, Elizabeth Macedo) São Paulo: Cortez, 2016.

SÁ, Maria Roseli Gomes Brito de. **Hermenêutica de um currículo: o curso de pedagogia da UFBA**. Salvador, BA: UFBA/FACED, 2004. Acesso em: 10/07/2018. Disponível <http://www.repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/10596> (tese de doutoramento).

SÁ, Maria Roseli Gomes Brito de. Currículo e formação: atualizações e experiências na construção de existências singulares. In: SÁ, Maria Roseli Gomes Brito de; FARTES, Vera Lúcia Bueno (organizadoras). **Currículo, formação e saberes profissionais: a (re) valorização epistemológica da experiência**. Salvador: EDUFBA, 2010.

SÁ, Maria Roseli Gomes Brito de. Que experiências nos fazem professores? Desafios à docência universitária no acompanhamento de percursos formativos de professores em exercício. In: RIBEIRO, M. L.; MARTINS, E. de S.; CRUZ, A. R. S. da. **Docência no Ensino Superior: desafios da prática educativa**. Salvador: EDUFBA, 2011. Cap. IX, p. 187 – 199.

SILVA, Marcio Antonioda. Currículo como currere, como complexidade, como cosmologia, como conversa e como comunidade: contribuições teóricas pós-modernas para a reflexão sobre currículos de matemática no ensino médio. Rio Claro (SP): **Bolema**, v. 28, n. 49, p. 516-535, ago. 2014. Acesso: 20/07/2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/bolema/v28n49/1980-4415-bolema-28-49-0516.pdf>

SÜSSEKIND, Maria Luiza. **Quem é William F. Pinar?** Petrópolis, RJ: De Petrusetalli, 2014.

[1]A concepção de experiência é pautada em Larrosa(2002, p. 21) traduzida na famosa frase: “A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca”